# COM SEGURO RURAL PUJANTE, O AGRO ATRAIRÁ MAIS INVESTIMENTOS

JORGE EDUARDO DE SOUZA
Coordenador da Cátedra do Agronegócio da Academia Nacional de Seguros e Previdência (ANSP)
Da Redação

*As políticas agrícolas dos países desenvolvidos da União Europeia e dos Estados Unidos implantaram um sistema de seguro rural para proteger as atividades produtivas nos campos agropecuários. O Brasil tenta marchar nesse mesmo sentido.*

NO PLANO Agrícola e Pecuário (PAP) da safra 2019/20, o Governo deu um sinal bem nítido de buscar uma alavancagem para o seguro rural ao dobrar os recursos para o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR). Essa decisão mexe com um negócio importante e de larga perspectiva de crescimento, diante da consolidação mundial do agronegócio brasileiro. Jorge Eduardo de Souza, coordenador da Cátedra do Agronegócio da ANSP, com mais de trinta anos de carreira dedicados ao ramo de seguro, traz uma visão desse cenário.



**AGROANALYSIS: QUAL É O PAPEL DA ANSP?**

**JORGE EDUARDO DE SOUZA:** Criada em 1993, a entidade tem como objetivo reunir os conhecimentos e as experiências acumulados por profissionais atuantes no mercado brasileiro de seguros. Possui vinte Cátedras constituídas para estudar temas específicos do seguro, sempre com o propósito de trazer as inovações necessárias para potencializar os negócios. Devidamente aprovados por uma junta especializada, cerca de duzentos catedráticos já foram indicados e aprovados para desempenhar essa função.

Entre as Cátedras existentes, apesar de ser a mais jovem, formada em 2017, a do Agronegócio carrega perspectivas enormes para alavancar o crescimento do mercado nacional de seguro rural. Os esforços dessa Cátedra vão no sentido de aproximar dois segmentos de atividades bem complementares: o de seguros e o do agro. Estamos confiantes de que poderemos identificar caminhos, construir soluções e propor ações para viabilizar de forma notável esse mercado.

**COMO ESTÁ O NEGÓCIO DE SEGUROS NO BRASIL?**

**JES:** O mercado de seguro rural brasileiro esteve, por muito tempo, em segundo plano, devido às elevadas taxas de juros e aos índices altos de inflação. Mas a estabilidade desses fatores em níveis tão baixos impõe, hoje, uma mudança de prioridade na concessão do tradicional crédito subsidiado com juros controlados. Em transformação irreversível, à política agrícola caberá cuidar com carinho da proteção dos produtores contra as adversidades climáticas, as pragas e as doenças, bem como, até mesmo, da garantia de renda.

Devemos, agora, prestar atenção no conteúdo dos contratos de seguro rural. O valor pago pelo produtor, chamado de 'prêmio', depende da sua capacidade de gestão de risco. Essa é uma análise de ordem qualitativa. No PAP da safra 2019/20, a dotação do PSR foi mais do que dobrada pelo Governo, para R$ 1 bilhão. Com isso, o apetite das seguradoras cresceu, mas cabe rever o acesso a esses benefícios, principalmente no tamanho coberto pela indenização.

### POR QUE O SEGURO RURAL NÃO DECOLA NO PAÍS?

**JES:** Com problema de disponibilidade orçamentária por parte do Governo ao longo desta década, o PSR praticamente estagnou. Os médios e os grandes produtores ficaram fora do PSR, sendo que o equilíbrio financeiro do sistema de seguro (mútuo) depende muito da massa que eles representam. O produtor olha muito para as condições do crédito (valor, amortização, garantia, taxa de juro etc.) e dá pouca atenção para o seguro (cobertura, taxa, prêmio e forma de pagamento). Caberia ao canal de venda do seguro deixar bem evidente a operação para evitar frustrações com a sua eficácia.

### O SEGURO RURAL ENGLOBA UM LADO SOCIAL E TÉCNICO DO PRODUTOR?

**JES:** Sim. Essa é a importância do seguro como instrumento para o desenvolvimento de uma nação. Deve-se levar em conta a visão social e a evolução técnica do produtor. Não pode haver diferença entre o acesso ao risco ruim e o alijamento do risco bom. O contrato de seguro segue sempre a teoria de boa-fé do mutualismo, em que a contribuição de todos deve servir para o benefício individual de cada contribuinte.

Normalmente, quanto maior a massa de arrecadação dos contribuintes, menor será o peso na distribuição das perdas cobertas pelos prêmios. Ratificamos a necessidade de repensar a política de acesso à subvenção, com estímulo ao ingresso do risco bom, pois, só assim, os preços dos seguros (prêmios) serão minimizados. No Brasil, em 2018, foram angariados prêmios da ordem de R$ 430 bilhões. A metade da cifra não teria voltado para a sociedade na forma de pagamentos das indenizações de sinistros. Os seguros não só protegeram as conquistas dos empreendedores, como também geraram poupança, com reservas técnicas obrigatórias que, hoje, superam R$ 1,5 trilhões, de acordo com a Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg).

### NO AGRONEGÓCIO, O CRÉDITO COMPETE COM O SEGURO?

**JES:** A participação do Governo como provedor majoritário do crédito rural para o agro teve um papel de fundamental importância. Mesmo com muitos desafios a serem superados, o setor conseguiu espaço de protagonismo global. Mas, para crescer, outras fontes serão necessárias para atender a sua demanda crescente por recursos financeiros. O importante é ter em vista que a consolidação do mercado de seguro será a chave para o agro atrair capital de terceiros.

Os empresários rurais devem entender o crédito enquanto atividade de variação no grau de risco e na capacidade de acesso ao agente financeiro. Para aportar o seguro no seu negócio, o produtor terá que trabalhar a gestão de modo a qualificar a sua reputação econômica. Quanto mais protegidos ficarem os seus resultados das incertezas do mercado, mais a sua disputa pelo sistema financeiro crescerá. Cabe pensar de maneira muito estratégica nesse tema.

### ESTAMOS NUM CENÁRIO DE BAIXAS TAXAS DE INFLAÇÃO E DE JUROS?

**JES:** Vivemos num momento favorável e rico de oportunidades, pois as taxas de juros reais estão negativas em nações desenvolvidas importantes. Estima-se que trilhões de títulos soberanos ao redor do mundo estejam rendendo juros nominais negativos. Isso corresponde a alguns Produtos Internos Brutos (PIBs) do Brasil. Certamente, esse assunto faz parte da pauta nas instituições financeiras do País. Os rentistas estão cada vez mais ávidos à procura de bons clientes para empregar e rentabilizar seus recursos. Esse encontro tem tudo para acontecer no agro nacional.

**"O MERCADO DE SEGURO RURAL BRASILEIRO ESTEVE, POR MUITO TEMPO, EM SEGUNDO PLANO, DEVIDO ÀS ELEVADAS TAXAS DE JUROS E AOS ÍNDICES ALTOS DE INFLAÇÃO."**

### A CADEIA PRODUTIVA DO AGRO PODE AJUDAR NO SEGURO RURAL?

**JES:** As cadeias produtivas do agronegócio darão um passo muito importante para frente quando entenderem que, ao proteger a produção do risco climático, o seguro ampara todos os seus elos, e não somente o produtor. A

agropecuária está pronta para auferir, neste ano, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), um Valor Bruto da Produção (VBP) da ordem de R$ 600 bilhões. Essa quantia multiplica-se por quase três vezes quando se agregam o armazenamento, o transporte e a distribuição.

Então, uma quebra hipotética de 10% da produção agropecuária (R$ 60 bilhões) impacta quase a cadeia produtiva toda (R$ 180 bilhões). Perde-se mais na cadeia produtiva do que na produção agropecuária. Logo, não é justo apenas o produtor assumir a responsabilidade com esse seguro. Se essa perda hipotética estivesse segurada ao longo da cadeia, a taxa de risco puro seria da ordem de decimais. Em contrapartida, nesse modelo concentrado no bolso do produtor, as taxas giram ao redor de 5%, com expoentes próximos de 20%. Essa realidade precisa mudar.

### FALTA COMUNICAÇÃO E CULTURA PARA O SEGURO RURAL?

**JES:** Os debates na Academia do agro atribuem uma falta de cultura à indústria do seguro rural, em termos de custo e benefício. Esse é apontado com frequência como um fator de obstrução da expansão dos seguros. A forma inadequada da comercialização explica a insegurança do produtor quanto ao seguro. Cabe, então, mudar a cultura e a visão bilateral existente: de um lado, os produtores devem estar conscientes da importância vital do seguro; e, de outro, também os seguradores devem enxergar o potencial do agro para o desenvolvimento do mercado.

## O PRODUTOR OLHA MUITO PARA AS CONDIÇÕES DO CRÉDITO E DÁ POUCA ATENÇÃO PARA O SEGURO.

Na verdade, o tema agro deve estar cada vez mais presente no ambiente da seguradora e, ao mesmo tempo, o tema seguro deve marcar mais presença no ambiente do agro. Deve-se abrir com força os espaços nos eventos e nas instituições desses importantes setores econômicos. É importante o seguro ser apresentado de forma conceitual e didática. A mídia pode contribuir com a abertura das suas pautas para melhor informar sobre a importância do seguro rural.

### ESTAMOS PRONTOS PARA ALAVANCAR O SEGURO RURAL?

**JES:** A Cátedra do Agronegócio da ANSP teve uma convocatória para reunir, com sala cheia em três oportunidades, especialistas e interessados em seguro rural. Temos comemorado e recebido o apoio de importantes entidades do agronegócio para montarmos parcerias técnicas e de trabalho. Os resultados apurados até o presente são promissores. Conseguimos elencar mais de oitenta itens para melhorar e aumentar a penetração do seguro no campo. Identificamos problemas e estamos prontos para propor soluções e empreender as ações necessárias. Como menos de 10% da área cultivada coberta por seguro rural no País, esperamos que o Governo persista com firmeza na diretriz de fortalecer o PSR. Vamos seguir o modelo praticado com sucesso pelos Estados Unidos e pela União Europeia. ■



## “CONSEGUIMOS ELENCAR MAIS DE OITENTA ITENS PARA MELHORAR E AUMENTAR A PENETRAÇÃO DO SEGURO NO CAMPO.”